

## Apresentação

A resposta que nossa proposição de se pensar em torno do trinômio “Literatura mundial, literaturas nacionais e comparativismo” obteve foi muito rica e permitiu a construção de um número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* verdadeiramente íntegro. Nos quatro primeiros artigos, o leitor poderá acompanhar discussões de caráter geral cujo objetivo é pensar o comparativismo – para não dizer toda a tarefa crítica – num tempo em que um termo como *Weltliteratur*, redefinido, abre possibilidades de reencenar velhas discussões e abrir novos caminhos. Nos demais, o que o leitor terá em mãos são abordagens comparatistas afinadas com a discussão que se faz hoje no campo.

O texto de Aijaz Ahmad, “‘Show me the zulu Proust’: some thoughts on world literature”, parte do uso que Goethe e Marx fizeram do termo *Weltliteratur* para, em seguida, proceder a uma desnaturalização da concepção de que a ideia de “literatura mundial” seja uma superação da ideia de “literaturas nacionais”, como se estas precedessem historicamente aquelas. Considerando a circulação de textos na Índia e na Ásia, ele repõe a própria historicidade da ideia de Literatura Mundial e, numa visada que discute por dentro a relação centro-periferia (incluindo suas implicações econômicas), chega à instigante proposta de uma Literatura Mundial pensada num eixo sul-sul.

De olho no que representa ensinar literatura na graduação hoje – espaço marcado pela permanência de uma abordagem histórica e nacional –, Miguel Sanches Neto faz

um balanço do esforço de superação do “nacional” entre nós. Seu ponto de partida é uma visada ampla e compreensiva do processo de mundialização da cultura atualmente em curso, compreendido como parte das transformações culturais que marcaram o século XX. É assim que suas “Viagens pelo avesso” vão da arquitetura dos aeroportos à revista *Joaquim*, dos jovens autores norte-americanos à tropicália, entre outros trajetos insólitos e enriquecedores.

O artigo de Edgar César Nolasco, partindo do encaixe de um ponto de vista que leva em conta o subalterno (tal como formulado por Hugo Achgar e Homi Bhabha), procura compreender como o conceito de *Weltliteratur* incide sobre o comparativismo hoje. Em sua análise, resalta dois elementos centrais a partir dos quais o crítico pode chegar a uma nova visão que supere tanto o anseio por um “universal” que é apenas reflexo da hegemonia quanto o fetiche pelo que é periférico: a responsabilidade e a interdisciplinaridade.

É também a partir da consciência da posição de subalternidade que Piero Eyben, em “Uma ponte sobre o Bósforo”, explora, por meio da leitura de *O castelo branco*, de Orhan Pamuk, o contato entre as margens, o espaço da fronteira. Utilizando como palavra-chave o neologismo *outrogar*, o autor busca uma forma de expressar essa operação ao mesmo tempo plural e ensimesmada (encarnada no paradoxo derridiano segundo o qual “fala-se apenas uma só língua”/“nunca se fala uma só língua”) que é a abordagem da cultura do outro em nosso tempo.

Em “Notas sobre a recepção do Simbolismo na França e no Brasil”, Gilda Vilela Brandão faz uma discussão de fôlego sobre a importância do Simbolismo para a literatura francesa e para a literatura brasileira, com o objetivo de superar a visão de que o simbolismo no Brasil foi “abafado” pelo Parnasianismo. Valendo-se de uma perspectiva que lança mão do contexto cultural mais amplamente considerado, aponta para a particularidade da “importação” das formas poéticas simbolistas francesas e seus impasses num país como o Brasil do final do século XIX.

Em “Gogol and Lispector: a scream through time and space”, Eva Paulino Bueno promove um diálogo, por assim dizer, de periferia para periferia. Ao aproximar *O capote*, de Gogol, e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, por meio de uma leitura meticulosa, a autora mostra como, separados no tempo, ambos falam do subalterno e pelo subalterno.

No trabalho que encerra este número, Celdon Fritzen mobiliza o conceito bakhtiniano de *cronotopo* para contrastar o espaço fechado da casa dos Olivais, em *Os maias*, de Eça de Queirós, e o espaço aberto – em mais de um sentido – da estrada em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto. Num caso e noutro, o que se lê é o passado histórico: num, o que se vê é a representação de uma mentalidade que se sente dona da tradição; noutro, a perspectiva da destruição da guerra iminente que, contraditoriamente, colaborará na construção de um novo tempo.

*Silvana Oliveira*

*Luís Bueno*

